

Revista Cristã
Última Chamada



Quem realmente possui a “Terra Santa”?

Uma resposta Reformada
ao Dispensacionalismo

Robert L. Reymond

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

with MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Quem realmente possui a “Terra Santa”?

Uma resposta Reformada ao
Dispensacionalismo

Robert L. Reymond

Tradução e adaptação textual
por César Francisco Raymundo

Revista Cristã _____
Última Chamada

- Edição de 03 Julho de 2018 -

Quem realmente possui a “Terra Santa”?

- *Uma resposta Reformada ao Dispensacionalismo* -

Autor: Robert L. Reymond

Site: https://www.preteristarchive.com/2006_reymond_who-really-owns-the-holy-land-a-reformed-response-to-dispensationalism/?highlight=Robert%20L.%20Reymond

Acessado dia 27 de Junho de 2018 © 2006 Robert L. Reymond

Este ensaio é um discurso proferido pelo Dr. Robert L. Reymond , Professor Emérito do Knox Theological Seminary, para “Advancing Reformation Truth and Spirituality” (ARTS) em 21 de abril de 2006, na Capela DeVos, Coral Ridge Presbyterian Church, Fort Lauderdale, Flórida.

Revista Cristã Última Chamada
- Edição de 03 Julho de 2018 –

Capa: César Francisco Raymundo (imagens da internet)

A versão da Escritura usada aqui é a original do autor, traduzida do inglês.

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Julho de 2018
Londrina - Paraná

Índice

Quem realmente possui a “Terra Santa”?	06
O Desafio: Enfrentando a Teologia da Aliança	06
O Éden e o Pacto Abraâmico	09
A Igreja de Jesus Cristo	09
A natureza tipológica das promessas da terra	14
O ensino de Jesus sobre a terra e o futuro da etnia de Israel	18
Cinco proposições	23
Conclusão	26
Apêndice	29
Obras importantes para pesquisa...	32
Patrocine esta obra!	35

Quem realmente possui a “Terra Santa”?

Todas as promessas de Deus para a terra de Israel no Antigo Testamento devem ser vistas em termos de sombras, tipos e profecias, em contraste com a realidade, substância e realização de que o Novo Testamento fala.

O Desafio: Enfrentando a Teologia da Aliança

Um esforço gigantesco está em andamento hoje para convencer os cidadãos evangélicos dos Estados Unidos da América de que o Estado político de Israel detém legitimamente, em perpetuidade, a chamada “Terra Santa” no extremo leste do Mar Mediterrâneo, em virtude de Deus legá-la a Abraão e seus descendentes no Antigo Testamento.¹

[1. Eu digo assim “a chamada” porque a expressão “terra santa” ocorre apenas duas vezes nas Escrituras (Salmo 78:54; Zacarias 2:12) e em ambos os casos a palavra “terra” é fornecida. Além da presença manifestada do Santo Deus nela, não há nada de sagrado na “Terra Santa”. Mas onde quer que Deus manifeste sua presença, esse lugar é sagrado, como Deus ensinou a Moisés na sarça ardente no Sinai (Êxodo 3:1-6)]

Este esforço está sendo feito não tanto hoje pela liderança secular do Estado de Israel como pelos aclamados estudiosos cristãos e televangelistas que afirmam falar por mais de setenta milhões de cristãos evangélicos. Esses homens, incluindo o pregador da Assembléia de Deus e televangelista John Hagee, fundador e pastor da Igreja Cornerstone em San Antonio, Texas;² Kenneth Copeland, televangelista; Paul e Matt Crouch, da Trinity Broadcasting Network (TBN); Jack Hayford, fundador e pastor da Igreja do Caminho em Van Nuys, Califórnia, e presidente da Igreja do Evangelho Quadrangular; Benny Hinn, pastor do ainda não construído World Healing Center em Dallas, Texas; Rod Parsley, pastor da Igreja da Colheita Mundial em Columbus, Ohio; Pat Robert filho, fundador e diretor executivo da Christian Broadcasting Network (CBN) e professor de Bíblia no Club 700;³ e Jerry Falwell, fundador e pastor da Igreja Batista Thomas Road e fundador da Liberty University em Lynchburg, Virgínia, são todos fornecedores desse sistema de hermenêutica conhecido como Dispensacionalismo.

[2. De acordo com Julia Duin, o “San Antonio Fundamentalist Battles Anti-Semitism”, no Houston Chronicle (30 de abril de 1988), 1, Hagee não acredita que os judeus devem confiar em Cristo para ir para o céu: *“O povo judeu tem um relacionamento com Deus através da lei como dado através de Moisés. Eu acredito que cada gentio só pode vir a Deus através da cruz de Cristo. Acredito que todo judeu que vive à luz da Torá (...) tem um relacionamento com Deus e chegará à redenção”*. Essa declaração radicalmente dispensacionalista é herética em sua negação de que a fé em Cristo é universalmente essencial para a salvação.]

[3. Pat Robert filho declarou publicamente na televisão em 5 de janeiro de 2006, que o primeiro-ministro Ariel Sharon, de Israel, sofreu seu massivo derrame nas mãos de Deus porque estava no processo de entregar uma parte da terra de Israel aos palestinos em troca da paz. Mais tarde, ele pediu desculpas por sua declaração.]

Aparentemente convencido por este esforço de propaganda, o Presidente Clinton, após citar as palavras de seu pastor batista

desesperadamente doente para ele: “*Se você abandonar Israel, Deus nunca vai perdoá-lo*”, declarou perante o Knesset israelense em Jerusalém em 27 de outubro de 1994: “... *é a vontade de Deus que Israel, o lar bíblico do povo de Israel, continue para todo o sempre,*”⁴ esta é uma afirmação que entra profundamente na hermenêutica bíblica concernente à natureza da igreja e do reino de Deus, sem mencionar a escatologia bíblica (note o seu “*para todo o sempre*”). O presidente Clinton concluiu seu discurso dizendo: “*Sua jornada é nossa jornada e os Estados Unidos estarão com vocês agora e sempre*”. Esta é uma declaração que ilustra o profundo envolvimento dessa nação na política do Oriente Médio em geral e seu compromisso político específico com Israel no Conflito entre israelenses e palestinos, em particular de uma maneira que não pode deixar de afetar o curso da política mundial no futuro previsível.

[4. Ver Discursos Vitais 61, no. 3 (15 de novembro de 1994): 70, 3.]

Na minha opinião, a afirmação do presidente Clinton é má política baseada em teologia igualmente ruim. Digo isto porque, como argumentarei neste artigo, todas as promessas de Deus sobre a terra de Israel no Antigo Testamento devem ser vistas em termos de sombras, tipos e profecias, em contraste com a realidade, substância e realização das quais o Novo Testamento fala. Consequentemente, ao contrário de John Hagee, que insiste que “*Israel tem um mandato bíblico para a terra, uma aliança divina para a terra de Israel, para sempre... [e] os cristãos têm um mandato bíblico para apoiar Israel*”.⁵

[5. John Hagee, “*A maioria dos evangélicos está vendo o erro da 'teologia da substituição'*”, edição online do Jerusalem Post, 20 de março de 2006.]

Argumentarei que somos cristãos, como membros do reino messiânico de Cristo, que são os verdadeiros herdeiros das promessas da terra da Sagrada Escritura, mas apenas em seu caráter paradisíaco.⁶

[6. Eu alegremente reconheço minha grande dívida para com O. Palmer Robert filho, O Israel de Deus: Ontem, Hoje e Amanhã

(Presbiteriano e Reformado, 2000), 3-31, para muitos dos pensamentos nesta seção do artigo.]

Hagee chama essa visão de *“teologia da substituição”* porque, diz ele, *“substitui”* na economia de Deus o povo judeu que é, diz ele, *“a peça central de Deus”* e *“a menina dos olhos”* (Zacarias 2:8).

A Igreja de Jesus Cristo

Claro, a percepção do Israel étnico de Hagee é um erro, porque o étnico Israel, por si só nunca foi a peça central do programa de Aliança de Deus uma vez que, de acordo com Paulo, as promessas de Deus sempre é aplicada apenas para o verdadeiro Israel espiritual (isto é, os eleitos de Israel) dentro da etnia de Israel (Romanos 9:6-13); e as promessas de terra do Antigo Testamento, como mostraremos, deveriam ser sempre vistas tipologicamente. No entanto, Hagee lançou o desafio Dispensacional; e é mais que tempo que os teólogos da Aliança aproveitaram e responderam a ele bíblicamente. É isso que proponho fazer agora. Mas ofereço uma palavra de cautela, e é isto: reflita cuidadosamente sobre o que digo antes de aceitá-lo ou rejeitá-lo. Com essa ressalva, vou começar agora com uma discussão sobre o:

O Éden e o Pacto Abraâmico

O. Palmer Robert filho começa seu tratado sobre o significado da terra como uma ideia teológica, afirmando:

“O conceito de uma terra que pertence ao povo de Deus se originou no Paraíso. Esse simples fato, tão frequentemente negligenciado, desempenha um papel crítico na avaliação do significado da terra ao longo da história redentora e de sua realização consumada. A terra não começou a ser teologicamente significativa com a promessa dada a Abraão. Em vez disso, a esperança do patriarca de possuir uma terra surgiu do conceito de restauração ao

estado original do qual o homem havia caído. A ideia original de terra como paraíso moldou significativamente as expectativas associadas à redenção. Como o lugar da bem-aventurança que surge da comunhão ininterrupta e da comunhão com Deus, a terra do paraíso tornou-se o objetivo para o qual a humanidade redimida estava retornando”.⁷

[7. Robertson, The Israel of God, 4.]

No paraíso edênico de Gênesis 2 vemos Deus, cujo jardim era dEle (Ezequiel 28:13; 31:8), e qual jardim foi empregado mais tarde como o ideal original (Gênesis 13:10) e um tipo do paraíso escatológico de Deus (Isaías 51:3; Apocalipse 2:7), colocando o casal original que criou dentro dele para cuidar e mantê-lo e desfrutar da comunhão com Ele. Mas a natureza paradisíaca do Éden foi perdida pela queda de Adão, e nossos primeiros pais foram expulsos desta terra de bênçãos. Mas a ideia de paraíso foi renovada por Deus inaugurando com o casal culpado uma segunda Aliança - a Aliança da graça de Gênesis 3:15 - e mais tarde por sua Aliança com Abraão de Gênesis 12:1-3 para redimir um povo de sua condição caída e transformar o Cosmos. Assim como Adão e Eva haviam conhecido a bênção de Deus no Éden, também Deus abençoaria Seu povo redimido em um novo Éden, uma terra fluindo com leite e mel, que estaria em algum ponto à frente deles no futuro.

Com o chamado de Abraão em Gênesis 12, o Pacto da Graça estabelecido em Gênesis 3:15 sofreu um avanço notável. O instrumento desse avanço é o Pacto que Deus fez com Abraão, que garantiu a bênção da salvação para *“todas as famílias da Terra”* (Gênesis 12:3). Tão significativas são as promessas da Graça no Pacto Abraâmico, encontradas em Gênesis 12:1-3; 13:14-16; 15:18-21; 17:1-16; e 22:16-18, que não é exagero declarar esses versículos, da perspectiva da Aliança, como os versos mais importantes da Bíblia. O fato da Bíblia varrer milhares de anos entre a criação do homem e o chamado de Abraão em apenas onze capítulos, com o chamado de Abraão em Gênesis 12, sugere que Deus pretendia que a informação dada em Gênesis 1-11 fosse um “pano de fundo” preparatório para a

revelação do Pacto Abraâmico. A revelação subsequente revela que tudo o que Deus fez salvadoramente na graça desde a revelação da Aliança Abraâmica é o resultado e produto dela. Em outras palavras, uma vez que a Aliança da Graça veio a expressão nas promessas salvíficas da Aliança Abraâmica - que Deus seria o Deus de Abraão e de seus descendentes espirituais (Gênesis 17:7) e que em Abraão todas as famílias da Terra sejam abençoadas - tudo o que Deus fez desde aquele tempo, Ele fez para cumprir Suas promessas da Aliança a Abraão (e assim o plano eterno de redenção).

Se esta representação do significado salvífico da Aliança Abraâmica parece ser um exagero, as seguintes declarações da revelação posterior devem ser suficientes para justificá-la:

1. É o pacto Abraâmico e nenhum outro que Deus mais tarde confirmou com Isaque (Gênesis 17:19; 26:3-4) e com Jacó (Gênesis 28:13-15; 35:12).

2. As Escrituras afirmam que Deus resgatou os descendentes de Jacó do Egito a fim de manter a promessa da Aliança aos patriarcas: *“Deus ouviu o seu gemido e lembrou-se do seu pacto com Abraão, com Isaque e com Jacó”* (Êxodo 2:24; ver 4:5).

3. De novo ao longo da história de Israel, os autores inspirados da Escritura traçam a extensão contínua da Graça e misericórdia a Israel diretamente à sua fidelidade às promessas da Aliança a Abraão (Êxodo 32:12-14; 33:1; Levítico 26:42; Deuteronômio 1:8; 4:31; 7:8; 9:27; 29:12-13; Josué 21:44; 24:3-4; Salmo 105:8-10, 42-43; 2º Reis 13:23; 1º Crônicas 16:15-17; Miquéias 7:20; Neemias 9:7-8).

4. Quando chegamos ao Novo Testamento, não é diferente. Tanto Maria como Zacarias declararam que a primeira vinda de Jesus Cristo, incluindo o próprio ato da Encarnação, era uma parte vital do cumprimento da promessa da Aliança graciosa de Deus a Abraão. Maria em Lucas 1:54-55 disse: *“Ele ajudou seu servo Israel, lembrando-se de ser misericordioso com Abraão e seus descendentes para sempre, como ele disse a*

nostros pais”. Zacarias em Lucas 1:68-71 disse: *“Louvado seja o Senhor Deus de Israel, porque ele veio... para lembrar-se de seu santo pacto, o juramento que jurou a nosso pai Abraão”*.

Posso observar de passagem que, enquanto os cristãos hoje celebram principalmente somente a Encarnação do Filho de Deus no Natal, Maria e Zacarias, colocando este evento no contexto da Aliança da Escritura, viram razão na vinda de Cristo para celebrar a fidelidade da Aliança de Deus a suas pessoas. Em sua consciência do significado mais amplo do evento e das palavras de louvor que essa consciência evocou deles, vemos a teologia bíblica no seu melhor modo sendo elaborada e expressa.

5. Jesus, Ele mesmo a Semente de Abraão (Mateus 1:1; Gálatas 3:16), declarou que Abraão *“regozijou-se com o pensamento de ver o meu dia; ele viu e ficou contente”* (João 8:56).

6. Pedro declarou que Deus enviou Jesus para abençoar a nação judaica, de acordo com a promessa que Ele fez a Abraão em Gênesis 12:3, ao afastá-los de suas iniquidades (Atos 3:25-26).

7. Paulo declarou que Deus, quando prometeu a Abraão que *“todos os povos da Terra serão abençoados através de você”* (Gênesis 12:3), estava declarando que iria justificar os gentios pela fé e anunciando o Evangelho com antecedência para Abraão (Gálatas 3:8). Assim, Ele afirmou que todos os crentes em Cristo *“são abençoados [com justificação pela fé] junto com Abraão”* (Gálatas 3:9).

8. Paulo também declarou: *“Cristo tornou-se um Servo da circuncisão... a fim de confirmar as promessas feitas aos patriarcas para que os gentios pudessem glorificar a Deus por sua misericórdia”* (Romanos 15:8-9).

9. Paulo declarou ainda que Cristo morreu na cruz, carregando a maldição da lei, *“a fim de que a bênção dada a Abraão viesse aos gentios em*

Cristo Jesus, a fim de que nós [ambos judeus e gentios] pudéssemos receber a promessa do Espírito pela fé” (Gálatas 3:13-14).

10. Paulo expressamente declarou que o Pacto e a Lei mosaicos, introduzidos vários séculos depois que Deus fez as promessas da Aliança a Abraão e à sua Semente (Cristo), “*não anula o convênio estabelecido anteriormente por Deus [com Abraão] e assim com a promessa”* (Gálatas 3:16-17).

11. Paulo também declarou: (1) que Abraão é o “*pai de todos os que creem*” entre judeus e gentios (Romanos 4:11-12); e (2) que todos os que pertencem a Cristo “*são descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa*” que Deus deu a Abraão (Gálatas 3:29).

12. Finalmente, Cristo descreveu o futuro estado de glória em termos dos redimidos “*tomando seu lugar na festa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus*” (Mateus 8:11).

O que isso tudo significa é que a promessa de Deus, dada por convênio a Abraão, de que Ele seria o Deus de Abraão e de seus descendentes espirituais depois dele para sempre (Gênesis 17:7-8) estende-se temporalmente até os confins do futuro e abrange toda a comunidade do Cosmos redimido e renovado. Isso é apenas para dizer que o pacto Abraâmico, na perspectiva específica que ele apresenta a salvação de toda a Igreja de Deus, é idêntico ao programa soteriológico do Pacto da Graça. Isso também significa que as bênçãos da Aliança da Graça que os crentes em Cristo desfrutam hoje sob a economia do Novo Testamento são fundamentadas na Aliança que Deus fez com Abraão. Dito de outro modo, a “Nova Aliança”, cujo Mediador é Jesus Cristo, é simplesmente a “extensão e desdobramento administrativo da Aliança Abraâmica”⁸ na história redentora. A igreja de Jesus Cristo, então, não a etnia de Israel, é a expressão atual do único povo de Deus cujas raízes remontam a Abraão.

[8. John Murray, *Christian Baptism* (Presbyterian and Reformed, 1962), 46.]

Essas passagens também destacam a unidade da única Aliança da Graça e a unicidade do povo de Deus em todas as épocas contra as descontinuidades injetadas na história redentora pela heresia dispensacionalista que está na raiz de toda a má “teologia da terra” adotada hoje em dia. O chamado “direito divino perpétuo” de Israel à terra da Palestina.⁹

[9. Para as implicações redentoras dessa má “teologia da terra”, ver “Uma Carta Aberta aos Evangélicos e Outros Partidos Interessados: O Povo de Deus, a Terra de Israel e a Imparcialidade do Evangelho”, publicado no Seminário - www.knoxseminary.edu – sob “Porta Wittenberg”, [ver esse artigo no site da Revista Cristã Última Chamada - <http://www.revistacrista.org/israel.htm>].

Isso quer dizer que o propósito redentor de Deus, divulgado pela primeira vez em Gênesis 3:15, uma vez expresso nos termos do Pacto Abraâmico, foi continuamente avançado pelos sucessivos convênios com Israel, Davi e, finalmente, o Novo Pacto. Assim, em sua carta às igrejas gentias na Galácia, Paulo descreveu aqueles que repudiam o legalismo judaico e que “nunca se gloriam, exceto na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”, isto é, a igreja de Cristo, como “o Israel de Deus” (Gálatas 6:12-16). Em sua carta aos Efésios, Paulo disse aos crentes gentios que Deus havia em Cristo os tornado cidadãos de Israel e beneficiários dos convênios da promessa (Efésios 2:11-13). E em sua carta aos Filipenses Paulo declarou que aqueles que “adoram pelo Espírito de Deus, que se gloriam em Cristo Jesus e não confiam na carne” são “a verdadeira circuncisão” (Filipenses 3:3). Claramente, a Igreja de Jesus Cristo é o verdadeiro e atual Israel de Deus.

A natureza tipológica das promessas da terra

Sem dúvida, as promessas de terra temporais e terrestres foram dadas a Abraão e seus descendentes no convênio Abraâmico (Gênesis 12:7;

13:15, 17; 15:18; 17:8). Mas as promessas de terra nunca foram primárias e centrais para a intenção da Aliança, e Deus nunca imaginou o cumprimento literal dessas promessas nas condições do Antigo Testamento como primárias. Antes, o cumprimento das promessas da terra deve ser visto como decorrente das promessas redentoras mais básicas e essenciais, e para sua realização elas aguardam a salvação final e completa dos eleitos de Deus e a recriação do universo no Eschaton [fim] (Romanos 8:19-23). Digo isto porque a Bíblia declara que Abraão habitou na Palestina “como em um país estrangeiro” (Hebreus 11:9), e nunca herdou nenhuma terra durante sua vida (Atos 7:5), o que é apenas para dizer que Abraão cria que o cumprimento das promessas da terra de Deus estava no futuro escatológico.

Essa era realmente a compreensão de Abraão da promessa da terra de Deus? Ou ele pensava que a promessa de Deus implicava apenas a pequena porção de terra delimitada a oeste e a leste pelo Mar Mediterrâneo e pelo Vale do Jordão e, geralmente, ao norte e ao sul pelo Mar da Galileia e a ponta sul do Mar Morto? Dificilmente. Era sua fé tal que ele teria ficado satisfeito em saber que um dia sua descendência herdaria a terra “desde o rio do Egito [não o rio Nilo, mas o Wadi el Arish] até o grande rio, o rio Eufrates” (Gênesis 15:18)¹⁰

[10. Essa promessa divina em particular já foi literal e explicitamente cumprida pela conquista da terra sob o reinado de Josué e Salomão (Josué 21:43-45; 23:14; 1º Reis 4:24). Não requer algum cumprimento futuro em um milênio judaico.]

Mais uma vez devemos responder, dificilmente. Toda a sua experiência de vida de andar pela fé e não pela vista (ver a frase recorrente “*pela fé Abraão*” em Hebreus 11:8, 9, 17) ensinou-lhe a olhar para além das circunstâncias temporais em que vivia. Para entender o conceito de Abraão da promessa da terra de Deus a ele, devemos dar atenção especial as intuições divinamente reveladas dos escritores do Novo Testamento. Assim como Paulo declarou que os eventos da história redentora de Israel eram “*tipos*” para os crentes durante esta era

(1ª Coríntios 10:6), assim como Paulo disse, que as festividades religiosas da antiga Aliança eram “*sombras das coisas vindouras*” (Colossenses 2:17), assim como o autor de Hebreus afirmou que a administração da redenção sob o antigo pacto era “*mas uma sombra das boas coisas futuras*” (Hebreus 10:1), assim também ele ensinou, em Hebreus 11:8-16, que Abraão sabia que a terra que Deus prometia em seu cumprimento implicava algo muito mais glorioso, a saber, uma pátria melhor e celestial cujo projetista e construtor é Deus, do que a terra da Palestina em si que servia apenas como o tipo de sua realização:

“Pela fé Abraão... foi viver na terra da promessa, como numa terra estrangeira, vivendo em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa. Porque ele estava ansioso para a cidade que tem fundações, cujo projetista e construtor é Deus...”

“Todos estes morreram na fé, não tendo recebido as coisas prometidas”.¹¹

“...mas tendo os visto e cumprimentado de longe, e reconhecido que eles eram estranhos e exilados na Terra. Pois as pessoas que falam assim deixam claro que estão buscando uma pátria... um país melhor, isto é, um país celestial. Portanto, Deus não se envergonha de ser chamado de seu Deus, pois ele preparou para eles uma cidade...”

[11. Abraão possuía apenas a parcela de terreno, o campo de Macpela, que ele comprou dos hititas que viviam na terra por um cemitério para Sara sua esposa (Gênesis 23)].

Muito claramente, Abraão entendeu que a terra prometida a ele realmente tinha tanto sua origem quanto seu cumprimento antítipo na realidade celestial e eterna que ainda estava no futuro. Posse de uma porção particular de terra nos tempos antigos pode ter significado de várias perspectivas com relação ao trabalho redentor de Deus no mundo, mas claramente a promessa de terra sob o pacto Abraâmico serviu simplesmente como um tipo, antecipando a realidade futura da

vinda do reino messiânico com o próprio Messias assumindo o trono de Davi no Céu, e governando o Universo depois de Sua Ressurreição e Ascensão, e reinando até que todos os Seus inimigos fossem colocados sob Seus pés.

Como foi possível que Abraão tivesse a visão da promessa de terra que o Novo Testamento atribuíu a ele? O que o levou a “espiritualizar” a promessa de fazer com que ela implique futuras realidades celestiais e do reino? A resposta está no fato de que ele levou a sério a promessa de Deus a ele de que *“em ti todas as famílias da terra seriam abençoadas”* (Gênesis 12:3).¹²

[12. Paulo nos diz em Gálatas 3:8 que quando Deus fez essa promessa a Abraão ele estava de fato *“pregando o Evangelho de antemão a Abraão”*, isto é, ele estava declarando que justificaria os gentios pela fé.]

Portanto, ele percebeu que a promessa para ele e sua descendência, que é Cristo (Gálatas 3:16), implicava que em Cristo *“ele seria herdeiro [não da Palestina, mas] do mundo [glorificado] [Cosmos]”* (Romanos 4:13). Claramente, Abraão compreendeu que a promessa da terra de Deus significava que Deus restauraria todo o Cosmos à sua antiga glória paradisíaca e nele colocaria sua esperança e esperaria pacientemente por ela. Sua fé e compreensão teriam ficado satisfeitas com nada menos que isso!

Moisés também, e seus contemporâneos, vagaram no deserto do Sinai por quarenta anos, e morreram na fé, não tendo recebido a promessa (Hebreus 11:39).

Sob a liderança de Josué, os israelitas conquistaram a terra, recebendo de forma limitada o paraíso que Deus havia prometido. Mas rapidamente ficou óbvio que esse território não poderia ser o paraíso final. Os Canaanitas invictos permaneceram na terra como *“vespas”*. E por causa do pecado de Israel ao longo dos períodos do reino unido e dividido, finalmente a terra foi devastada pelos babilônicos; a Glória residente partiu do Templo de Salomão (Ezequiel 9:3; 10:1-22), o Templo foi então destruído; e o povo foi banido e passou a ser

conhecido como *lo-ammi*, significando “*não meu povo*” (Oséias 1:9). A outrora frutífera terra assumiu a aparência de um deserto, uma morada de chacais, corujas e escorpiões. O Paraíso, mesmo em sua antiga forma de sombra da Aliança, foi tirado deles.

Mesmo a restauração após o cativeiro babilônico, sob Esdras e Neemias, designada pelos eruditos bíblicos como o Período do Segundo Templo, não poderia ser o Paraíso. Mas o retorno à terra e a reconstrução do templo apontaram o caminho para isso. A glória daquele pequeno templo, profetizou Ageu, seria um dia maior que a glória do Templo de Salomão. O que essa linguagem hiperbólica significa? Isso significava que Deus tinha algo melhor para eles do que uma terra temporal e um templo material. A promessa da terra seria cumprida por nada menos que um Paraíso restaurado em escala cósmica! Como Isaías predisse, algum dia o lobo se deitaria com o cordeiro, o leopardo se deitaria com a cabra, o bezerro e o leão viveriam em paz, e uma criancinha os conduziria. A criança que amamentava brincava no buraco da cobra (Isaías 11:6-9). Não mais pecariam e nem a dor reinaria, e nem os espinhos infestariam o solo. Então, escreve Paulo em Romanos 9:25-26:

“Aqueles que não eram o povo [de Deus] [não só dos judeus, mas também dos gentios, [Romanos 9:24] [ele] chamará “meu povo”, e a que não era amada [ele] chamará de “amada”. E no mesmo lugar onde lhes foi dito: “Você não é meu povo”, ali eles serão chamados de “filhos do Deus vivo”.

O ensino de Jesus sobre a terra e o futuro da etnia de Israel

Quando Cristo veio há dois mil anos atrás, a doutrina bíblica da terra experimentou um avanço radical. Ao inaugurar seu ministério público na Galiléia dos Gentios ao longo da rota do comércio público (Isaías 9:1, citado em Mateus 4:12-16), Jesus estava fazendo uma declaração. Essa terra serviria de trampolim para todas as nações. O Reino de Deus

- o tema central do ensino de Jesus - abrangeria um Reino que se estendia bem além das fronteiras do antigo Israel. Como Paulo indicava tão bem, a promessa de Deus a Abraão significava que ele se tornaria herdeiro de todo o mundo (Romanos 4:13). Jesus, apontando seu ministério para todo o mundo, em vez de confiná-lo à terra de Canaã abriu o caminho para que o velho “tipo” da Aliança fosse substituído pelo “antítipo” da Nova Aliança. Ensinando que o Reino de Deus havia aparecido em sua modalidade de graça com Sua primeira vinda e que apareceria em sua modalidade de poder em Sua Segunda Vinda, Ele transformou a imagem de uma terra fluindo com leite e mel em um rejuvenescimento de toda a ordem criada de Deus. Não era a Canaã como tal que se beneficiaria no estabelecimento do Reino do Messias: mas todo o Cosmos se regozijaria na renovação.¹³

[13. Os pensamentos expressos nos últimos quatro parágrafos que adaptei de O. Palmer Robert filho, *Understanding the Land of the Bible* (Presbyterian and Reformed, 1966), 7-13.]

Agora, o que Jesus ensinou sobre o futuro da etnia de Israel? Em Sua parábola dos fazendeiros iníquos (Mateus 21:33-45; Marcos 12:1-12; Lucas 20:9-19), Jesus conta a história de um fazendeiro que arrendou sua vinha a alguns fazendeiros e depois foi para outro país. Quando chegou a hora de ele receber sua taxa de aluguel na forma do fruto da vinha, o proprietário de terras enviou um servo após o criado para seus inquilinos, apenas para que cada um deles fosse espancado, apedrejado ou morto. Por último, ele enviou seu filho - Lucas diz que seu “*filho amado*”; Marcos diz “*ainda um [outro], um filho amado*” - dizendo: “Eles respeitarão meu filho. Mas quando os inquilinos viram o filho do latifundiário, disseram: “Este é o herdeiro; venha, vamos matá-lo e tomar sua herança. Isso eles fizeram, jogando seu corpo para fora do vinhedo. Quando o dono da terra veio, ele destruiu os inquilinos e alugou sua vinha para outros. As intenções interpretativas da parábola são óbvias em face disso: o proprietário de terras é Deus Pai; a vinha (Isaías 5:7); os fazendeiros, são os líderes de Israel; os servos, são os profetas da teocracia (Mateus 23:37a); e o próprio Filho Jesus.

O ensino central da parábola é óbvio - como de fato foi para seu público original (Mateus 21:45): depois de ter enviado seus servos, os profetas, repetidamente, nos tempos do Antigo Testamento para a nação de Israel, para chamá-los de volta para Ele e abandonarem o pecado e a incredulidade, eles os rejeitaram, os perseguiram e muitas vezes os mataram, então Deus, o dono de Israel, enviou Jesus Cristo, a Segunda Pessoa da Divindade, movendo-se além do simples envio de outro servo. Ouça mais uma vez os versículos pertinentes a esse respeito: Mateus 21:37: “*Então, por último, ele enviou seu filho*”. Marcos 12:6 : “*tendo um filho, seu amado, ele também o enviou a eles por último*”.

De “*último de todos*” de Mateus e por “*último*” de Marcos, é claro que Jesus representou a si mesmo como o último de Deus, seu embaixador final, após o qual nenhum outro enviado pode vir e nada mais pode ser feito.¹⁴

[14. Essa parábola também traz implicações sobre a afirmação de Maomé de ser o último e maior dos profetas de Deus, ainda maior do que Jesus. Isso mostra que Maomé é um falso profeta.]

O Filho de Deus é o maior mensageiro de Deus concebível. Em suma, Deus finalmente tinha em Jesus (Mateus: *histeron*; Marcos: *eschaton*) enviado seu próprio amado Filho, a quem a nação rejeitaria. Mas a rejeição do Seu Filho, ao contrário das rejeições daqueles que o antecederam, não implicaria nem a continuidade de Deus em lidar com a nação recalcitrante nem uma mera mudança da administração político-religiosa. Pelo contrário, em Sua rejeição, Jesus ensinou, que iria fazer “a completa derrubada da teocracia, e a criação desde a fundação de uma nova estrutura [a Igreja de Cristo] em que o Filho receberia plena reivindicação e honra suprema”.¹⁵

[15. Geerhardus Vos, A Auto-Divulgação de Jesus (Presbiteriana e Reformada [1926] 1978), 162.] Suas próprias palavras são as seguintes: Eu lhes digo que o reino de Deus será tirado de vocês e dado a um povo que produz seus frutos [Mateus 21:43].

O que o dono da vinha fará? Ele virá e destruirá os arrendatários e dará a vinha a outros [Marcos 12:9; Lucas 20:16].

Aqui está uma “teologia de substituição” bíblica, e é o próprio Jesus que a enunciou: o Israel nacional, exceto pelo seu remanescente eleito, seria julgado, e a posição especial que desfrutou durante a antiga dispensação seria dada a já emergente igreja internacional de Jesus Cristo composta de ambos os remanescentes judeus eleitos e eleitos entre os gentios. Assim como Jesus predisse, os governantes de Israel o rejeitaram e incitaram Roma a executá-lo; o Templo foi logo destruído (ver Mateus 24:1-35); as pessoas se dispersaram; e Israel deixou de existir como uma entidade política, como Moisés previra em Deuteronômio 28:15-68 (ver Deuteronômio 31:24-29). Paulo declarou em 1ª Tessalonicenses 2:15-16 que os judeus que *“mataram tanto o Senhor Jesus como os profetas... desagradam a Deus e se opõem a toda a humanidade, impedindo-nos de falar aos gentios para que eles sejam salvos - para sempre encher a medida de seus pecados. Mas a ira de Deus veio sobre eles finalmente”* [eis telos¹⁶].

[16. BAGD, “eis telos”, 812g, vê corretamente essa frase preposicional como uma expressão adverbial e sugere que ela deve ser traduzida “para sempre, por toda a eternidade” ou “totalmente”].

Desde que Paulo escreveu 1ª Tessalonicenses em 50 ou 51 d.C., é improvável que ele tenha intencionado pela frase *“a ira de Deus veio sobre eles”*, a destruição de Jerusalém que ocorreu no ano 70 d.C. Mais provavelmente, ele estava se referindo à rejeição divina do Israel nacional a que Jesus se referiu em sua parábola dos fazendeiros iníquos e em outros lugares (Mateus 23:38 ; 24:15-28), uma rejeição que Paulo declarou em Romanos 11 veio a expressar no endurecimento de Deus a massa de Israel, com exceção de um remanescente judeu eleito. Então, mais uma vez Israel como uma entidade étnica se tornou *lo-ammi*, *“não meu povo”*, apenas agora com uma finalidade sobre isso, exceto por um remanescente eleito (Romanos 9:27-29).¹⁷

[17. Robertson, *The Israel of God*, 174, fn. 3, com razão, sustenta que a palavra “remanescente” etimologicamente não significa necessariamente um número pequeno e insignificante, mas simplesmente o que é “deixado”. Mas quando Isaías declara: “Embora o número dos filhos de Israel seja como as areias do mar, é o remanescente que será salvo”, a implicação é que Deus endurecerá a massa de Israel étnica.]

Assim, Paulo escreve em Romanos 11:7-10:

“Israel não conseguiu obter o que estava procurando [isto é, uma justiça diante de Deus, Romanos 9:31]. Os eleitos [remanescentes] o obtiveram, mas os demais foram endurecidos, como está escrito: “Deus lhes deu um espírito entorpecido, olhos que não enxergavam e ouvidos que não ouviam até o dia de hoje. E Davi diz: “Que a mesa deles se torne uma armadilha, uma pedra de tropeço e uma retribuição para eles; deixe seus olhos ficarem escuros para que eles não possam ver, e dobre suas costas para sempre” [día pantos¹⁸].

[18 Esta frase também pode ser traduzida “continuamente”, mas “continuamente” transmite o mesmo sentido de “para sempre” neste contexto.]

Mas, porque Deus de modo algum rejeitou todo judeu, escolhendo na graça um remanescente judaico (Romanos 11:5), hoje os judeus eleitos continuam sendo salvos por serem “*provocados à inveja*” (Romanos 11:11, 14) pelas multidões de judeus. Salvou os gentios que estão desfrutando das bênçãos espirituais originalmente oferecidas a seus pais, e que, conseqüentemente, pela fé em Jesus Cristo, seu Messias, estão sendo enxertados em sua própria “*oliveira*” (Romanos 11:23-24). A justificação dos gentios é então o principal caminho para a justificação dos eleitos judeus; de fato, assim (houtÿs) “todo Israel” será salvo (Romanos 11:26).¹⁹

[19. Para minha exposição de Romanos 11, ver a minha *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (segunda edição, Thomas

Nelson, 2002), 1025-1030. Aí eu mostro exegeticamente que assim como Deus através desta era está trazendo o número completo divinamente determinado (Romanos 11:25) dos gentios eleitos para a fé em Cristo, assim também, ao longo desta era ele também traz o número completo divinamente determinado (Romanos 11:12) dos judeus eleitos (“o remant”) à fé em Cristo, para que ambos os “números completos” sejam alcançados nesta era. Enquanto Israel como uma nação não tem aliança salvífica com Deus nesta era, permanecendo como está sob a ira de Deus, o remanescente de judeus eleitos, como são salvos, são enxertados pela fé em Cristo na “oliveira cultivada” (Romanos 11:17 a 24), isto é, a igreja.]

Cinco proposições

À luz desses dados bíblicos, estamos agora em posição de afirmar as cinco proposições seguintes:²⁰

[20. Eu as adaptei com acréscimos e alterações de Robert, *The Israel of God*, 194.]

1. O estado judeu moderno não faz parte do reino messiânico de Jesus Cristo. Embora este Estado político em particular tenha surgido em 14 de maio de 1948, seria uma negação da afirmação de Jesus de que Seu reino “*não é deste mundo*” (João 18:36) para afirmar que o Israel moderno é uma parte de seu reino messiânico. Para ser franco, o Israel moderno não é o verdadeiro Israel, mas sim “*o filho espiritual de Agar*” (Romanos 9:6-8; Gálatas 4:24-25) e, portanto, é “*Ismaelita*” para o núcleo, devido à sua falta de crença Abraâmica em Jesus Cristo.²¹

[21. O Israel moderno deve encarar o fato de que ser o físico descendente de Abraão e ter o seu sangue fluindo em suas veias não significa nada no que diz respeito à aquisição da aprovação de Deus. Como João Batista advertiu: “Não presumais dizer a vós mesmos: ‘Temos Abraão como nosso Pai’, pois eu vos digo que destas pedras Deus pode levantar filhos a Abraão” (Mateus 3:9). Aos judeus que disseram: “Abraão é nosso Pai”, mas que estavam procurando matá-

lo, Jesus disse: “Se vocês fossem filhos de Abraão, fariam o que Abraão fez [isto é, vocês se alegrariam de ver meu dia... Tu és do teu pai o diabo” (João 8:39-44, 56). Os judeus étnicos devem lembrar que Abraão teve dois filhos, o que significa que “nem todos são filhos de Abraão porque são seus descendentes”; antes, “não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa, que são contados como descendentes” (Romanos 9:7-8).]

Por conseguinte, abandonou qualquer pretensão bíblica legítima à Palestina.

2. A promessa de terra do Antigo Testamento serviu como um tipo de realização consumada dos propósitos de Deus para o Seu povo redimido que abrange “*todas as nações*” (Gênesis 12: 3) e todo o Cosmos (Romanos 4:13). Os cristãos, como membros do reino messiânico de Deus, são os verdadeiros herdeiros, juntamente com Abraão, da promessa de terra em seu caráter antítipo e consumado.

3. Por causa do escopo inerentemente limitado da terra prometida no Antigo Testamento, ela não pode ser considerada como tendo significado contínuo no Reino da Redenção, a não ser em sua função como modelo para ensinar que a obediência e a bênção divina andam de mãos dadas enquanto a desobediência e a retribuição divina também andam de mãos dadas.

4. As previsões do Antigo Testamento sobre o “retorno” de “Israel” à “terra” em termos de um restabelecimento geopolítico do Estado de Israel são mais apropriadamente interpretadas como tendo cumprimento na “*restauração de todas as coisas*” que acompanhará a ressurreição dos crentes no retorno de Cristo (Atos 3:21; Romanos 8:22-23). Interpretar essas previsões literalmente seria uma elevação retrógrada do tipo sobre o antítipo.

5. O futuro Reino Messiânico abraçará todo o Cosmos recriado e não experimentará uma manifestação especial que poderia ser considerada

em qualquer sentido como “judaica” na chamada “terra santa” ou em qualquer outro lugar.

Pedro, o apóstolo da circuncisão (que certamente teria ouvido sobre todo e qualquer futuro privilégio que os judeus pudessem desfrutar), quando escreveu sobre as coisas futuras em 2ª Pedro 3, nada disse sobre um Milênio Judaico ou sobre a restauração de um Reino Judaico na Palestina, mas dividiu toda a história da Terra em três períodos: o primeiro período – “o mundo daquele tempo” - estendendo-se desde o início da criação até o dilúvio de Gênesis (2ª Pedro 3:5-6); o segundo período – “*os céus e a terra que agora existem*” (2ª Pedro 3:7) - que se estende desde o dilúvio até o dia final do Senhor, quando a Terra será destruída pelo fogo (2ª Pedro 3:7) e os céus atuais que “passarão com rugido, e os corpos celestes serão queimados e dissolvidos” (2ª Pedro 3:10); e o terceiro período – os “novos céus e uma nova Terra em que habita a justiça” (2ª Pedro 3:13) - prolongando-se por toda a eternidade futura. Se ele tivesse acreditado em um Milênio Judaico após a presente era, 2ª Pedro 3 teria sido o lugar apropriado para mencioná-lo, mas ele não menciona um Milênio, muito menos um Milênio Judaico, colocando a totalidade da história da terra dentro do quadro de três tempos.

[Nota do tradutor: a mais correta divisão dos tempos em 2ª Pedro 3:5-6 defendida no Preterismo é desta forma: 1. “*o mundo daquele tempo*” - estende-se desde o início da criação até o dilúvio de Gênesis; 2. o segundo período – “*os céus e a terra que agora existem*” (2ª Pedro 3:7) – é uma referência a Antiga Aliança, o templo que ainda estava em pé naqueles dias em que Pedro escreveu sua carta. “Céus e terra” refere-se a Lei Mosaica e seus ritos como um todo. Esses eram os céus e terra atuais do tempo de Pedro que seriam destruídos pelo fogo (2ª Pedro 3:7, 10). 3. E o terceiro período – os “*novos céus e uma nova Terra em que habita a justiça*” (2ª Pedro 3:13) é uma referência ao tempo atual em que estamos vivendo até a Segunda Vinda de Cristo, prolongando-se por toda a eternidade futura.]

Conclusão

O que devemos concluir de tudo isso? Os fatos gêmeos da incredulidade da etnia israelense e da ira de Deus exibida em relação à etnia de Israel (1ª Tessalonicenses 2:15-16) representam um problema para os cristãos de hoje. Por um lado, *pergunto*: Não deve nossa atitude para com essas pessoas através das quais vieram não somente as Escrituras do Antigo Testamento, mas também nosso Messias e Salvador segundo a carne (Romanos 9:5), de fato, nossa própria salvação (João 4:22) ser de gratidão, e os cristãos não devem fazer tudo o que puderem para tratar o povo judeu como eles próprios gostariam de ser tratados? Por outro lado, *pergunto*: O povo judeu não foi cúmplice da crucificação de Cristo (apesar da absolvição do judaísmo mundial pelo catolicismo romano num evento)? E os judeus não rejeitaram o Salvador do mundo, declarando que Ele é um em uma longa linhagem de falsos messias? E esses mesmos judeus, quando pressionados, não reconhecem que eles consideram os cristãos como idólatras, adorando um “simples homem” como eles dizem?

Em resposta a esse problema, eu diria primeiro que nenhum cristão deve defender qualquer coisa remotamente parecida com a discriminação legal contra os judeus por causa de sua etnia ou religião. Ao mesmo tempo, à luz do fato de que a única esperança de salvação para o povo judeu reside nas provisões do Evangelho cristão, seria errado, de fato, desamoroso e não cristão, que os cristãos encorajassem ou apoiassem Israel no estabelecimento e manutenção de sua “judaicidade” étnica ou religiosa que é a base de sua esperança de aprovação diante de Deus. Isso é simplesmente levar a sério a singularidade e a finalidade de Jesus Cristo como o único Salvador e a única esperança não apenas da etnia israelita, mas também de todas as raças e nações. A Bíblia denuncia toda esperança de aprovação diante de Deus que não esteja fundamentada na Pessoa e Obra de Cristo. Tal aprovação perseguida através da etnicidade ou através de boas obras é fútil (Gálatas 2:16). Portanto, o judeu, se é que deve conhecer o perdão genuíno de Deus, deve abandonar a noção de que sua conexão racial

com os patriarcas e/ou sua lealdade à Torá o torna aceitável para Deus (Romanos 2:17-29; Gálatas 5:3-4).

É uma estranha reviravolta do pensamento, se não totalmente deslealdade ao Evangelho, que os cristãos ajudem e apoiem Israel na retenção de seus distintivos étnicos/religiosos que fornecem o fundamento de sua esperança para a aprovação divina, a retenção à qual somente se solidifica Israel em sua incredulidade. E, no entanto, para que a bênção de Gênesis 12:3 possa ser deles, e para escapar da maldição ameaçada enunciada no mesmo verso, muitos cristãos acreditam fervorosamente que devem apoiar as causas sionistas a qualquer custo e devem se alegrar com cada “avanço israelense” no mundo. Eles não percebem, que ao fazê-lo: (1), encorajam o judeu a continuar a manter sua percepção não-bíblica do que constitui “judaicidade”;²²

[22. Em termos inequívocos, Paulo declarou que “ninguém é um judeu apenas exteriormente, nem é a circuncisão exterior e física. Mas o judeu é interiormente, e a circuncisão é matéria do coração, pelo Espírito, e não pela letra” (Romanos 2:28-29). Além disso, ele ensinou que “a atual Jerusalém”, a cidade escravizada e condenada, é o “filho de Agar”, tendo filhos para a escravidão, enquanto os cristãos têm “a Jerusalém de cima” como sua mãe (Gálatas 4:25).]

e; (2) que, enquanto eles continuarem a manter o judaísmo como sua religião, continuarão a rejeitar Jesus Cristo, que é a única esperança de Israel e, assim, serem eternamente condenados. A Igreja Católica Romana, em seus esforços modernos de revisão, também não ajudou aqui, declarando em seu Catecismo da Igreja Católica de 1994 que, por causa da fé do povo judeu - catequeticamente descrito como “o primeiro a ouvir a Palavra de Deus” - “ao contrário de outras religiões não-cristãs, já é uma resposta à revelação de Deus na Antiga Aliança” (parágrafo 839),²³ porque aos judeus pertencem a todos os privilégios delineados em Romanos 9:4-5 (parágrafo 839), e porque com os cristãos eles “esperam a vinda do Messias” (!) (parágrafo 840), o Povo de Deus inclui o povo judeu. Não importa que o povo judeu negue em

grande parte a divindade de Jesus Cristo e, portanto, a doutrina da Trindade; não importa que em sua maior parte rejeitaram seu Messias, a primeira vez que ele veio, como um profeta mal orientado na melhor das hipóteses e um blasfemo na pior, e o crucificaram, e conseqüentemente acreditam hoje que os cristãos são idólatras porque nós O adoramos a quem eles sustentam que era simplesmente um homem; não importa que eles não vejam a necessidade da expiação substitutiva de Cristo. De acordo com o ensinamento de Roma, mesmo assim, eles ainda estão relacionados salvificamente com o povo de Deus e podem ir para o céu!

[23. Deles é de fato uma resposta negativa à revelação de Deus na Antiga Aliança. Sugerir que a fé dos judeus que rejeitam a Cristo é, de algum modo, uma resposta adequada à revelação do Antigo Testamento é certamente uma avaliação imprecisa da situação. À luz do fato de que a única esperança de salvação para os judeus reside nas disposições do Evangelho cristão, é simplesmente um equívoco bruto incentivá-los ou para apoiá-los em seu “judaísmo” ou em suas causas sionistas.]

Novamente, ao cristão é frequentemente dito hoje que em seu testemunho aos seus amigos judeus modernos ele pode assumir que o judeu a quem ele fala já acredita no Antigo Testamento e que só resta mostrar-lhe que Jesus Cristo é Aquele sobre quem os Profetas do Antigo Testamento falaram. Esta é certamente uma avaliação imprecisa da situação real. A grande massa do mundo judeu de hoje não acredita que o Antigo Testamento é a Palavra inspirada e inerrante do Deus vivo, nem tem uma pista sobre o que o Antigo Testamento ensina. Nós devemos pensar com mais cuidado aqui, pois alguém pode realmente crer no Antigo Testamento e não reconhecer que Jesus Cristo é o Messias, Salvador e Senhor revelado nele? Ninguém que tenha ouvido falar do Messias e da sua obra expiatória e depois rejeite-o acredita no Antigo Testamento. O próprio Jesus expressamente declarou isto (João 5:46). Quando o judeu moderno afirma que ele acredita e segue a Torá, mesmo que ele possa dizer que vê a graça

ensinada ali, mas que ao mesmo tempo também acredita que ele deve viver de uma certa maneira se quiser permanecer como um “filho” ou “filha” da Torá, ele não acredita no Antigo Testamento e está negando a provisão de salvação da qual a Torá realmente fala. O sistema sacrificial levítico apontava para Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, o único que tira o pecado do mundo.

Os cristãos devem perceber que, para trazer qualquer incrédulo, incluindo o Israel étnico/religioso, à fé cristã, eles devem mostrar a futilidade de toda e qualquer esperança pela aprovação de Deus à parte da fé em Jesus Cristo. O fato de que os judeus têm sangue Abraâmico fluindo em suas veias (Mateus 3:9; João 1:13), ou que eles são fisicamente circuncidados (Romanos 2:25-29; Gálatas 5:2-4; 6:15), ou que eles estão praticando como “filhos e filhas da Torá” (Romanos 2:17-24; 3:9; Gálatas 3:10; 4:21-5:1) são todos insuficientes para a salvação.

Assim, devemos concluir que, assim como para Deus *“no que diz respeito ao Evangelho, [os judeus] são [considerados como seus] inimigos [pela salvação dos não-judeus]; mas no que diz respeito à eleição, eles são amados por causa dos patriarcas”* (Romanos 11:28), assim também para os cristãos eles devem amar os judeus em cujos remanescentes Deus cumprirá Suas promessas eletivas aos patriarcas. Os cristãos devem também fazer tudo o que puderem, sem serem arrogantes com eles (Romanos 11:28), para trazer o Israel étnico/religioso para o lugar onde eles abandonarão todo e qualquer distintivo étnico/religioso judaico no qual eles descansam sua esperança de salvação. Os cristãos devem fazer isso por causa de Israel e por lealdade à causa do Evangelho.

Apêndice

A profecia bíblica não diz nada sobre o moderno Israel. De fato, longe da formação do moderno Israel ser um cumprimento da profecia bíblica, é, na verdade, um grande instrumento na mão de Deus para sustentar Israel em seu endurecimento divinamente imposto.

Os sionistas cristãos afirmam que o estabelecimento de Israel como nação em 14 de maio de 1948 cumpriu as profecias bíblicas. As seguintes profecias do Antigo Testamento são amostras de um grupo maior de passagens que esses intérpretes bíblicos dizem que foram cumpridas em 1948:

1. Jeremias 29:14, diz-se, que previu a fundação do moderno Estado de Israel. Mas o contexto de Jeremias 29 deixa claro que a “restauração” prevista após a conclusão dos setenta anos do exílio babilônico (29:10), refere-se ao retorno do exílio sob Zorobabel em 536 a.C.

2. Isaías 11:11, diz-se, que fala de uma “segunda vez” que Deus iria restaurar o remanescente da terra, sendo o primeiro o retorno da Babilônia em 536 a.C., o segundo sendo o estabelecimento do moderno Israel em 1948. Mas o contexto de Isaías 11 deixa claro que o primeiro livramento de Israel era do Egito, sob Moisés (11:16), com sua segunda restauração sendo das nações em que os judeus do cativo assírio/babilônico haviam se dispersado.

3. Zacarias 8:7, diz-se, que predisse que Deus “*salvará [seu] povo da terra do leste e oeste, e os trará para habitar no meio de Jerusalém*”. É, no entanto, um alcance para ver esta previsão como se referindo ao estado moderno de Israel. De fato, a passagem fala da fidelidade e justiça dos habitantes de Jerusalém naquele dia (8:8), algo que definitivamente não é verdade da Jerusalém atual. É muito mais provável que Zacarias estivesse prevendo o retorno dos exilados durante os dias de Esdras, Neemias e depois (ver Esdras 7:1-10; Neemias 11:1-2) que, mais uma vez, apontava tipicamente para a nova tendência antítipa, o Paraíso de Deus.

4. Ezequiel 36:24-26, diz-se, que previu que Israel seria restaurado à terra “em descrença”, o que concorda com a situação em Israel hoje. Mas a passagem não fala de uma restauração “na incredulidade”. Deus não recompensa a desobediência. O versículo 33 declara: “*No dia em que eu te purificarei de todas as tuas iniquidades, farei com que as cidades sejam habitadas*”, implicando claramente que aqueles que foram

“restaurados” foram primeiro espiritualmente purificados, cumprindo assim a exigência de Levítico 26:40-42: “...se confessarem sua iniquidade...; se o coração incircunciso deles for humilhado ... então me lembrarei do meu pacto ... e me lembrarei da terra”.

5. Amós 9:14-15, diz-se, declara que esta condição de estabelecimento nacional permanente que um dia prevaleceria simplesmente não era verdade em qualquer restauração do Antigo Testamento. Mas, dado o fato de que Tiago, em Atos 15:16-17, aplicou a profecia imediatamente precedente a esses dois versículos à igreja desta era, a restauração vislumbrada aqui provavelmente descreve em termos pastorais o Cosmos rejuvenescido.

Obras importantes para pesquisa

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo

– é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável? –

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?

Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação

David Chilton, 148 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial

César Francisco Raymundo, 77 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista

- O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras -

Brian Schwertley, 76 páginas.

Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse

– Volume Único –

César Francisco Raymundo, 533 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volome_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?

Heber Carlos de Campos, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo

Philip G. Kaiser, 27 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Dicionário Michaelis

<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

Heresias do Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 56 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo**Desmascarando o Dogma Dispensacionalista**

Hank Hanegraaff, 49 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo

Arthur W. Pink, 42 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)

Nathan Pitchford, 29 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras

Eric Brito Cunha, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento

Edward Robinson, 1014 páginas.

Tradução: Paulo Sérgio Gomes.

Edição em língua portuguesa © 2012

por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo

César Francisco Raymundo, 110 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento

César Francisco Raymundo, 30 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden

Jair de Almeida, 31 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia

– eventos literais ou metáfora poderosa?

Brian Godawa, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS

Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo

Hermes C. Fernandes

Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 112 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto

– Um guia otimista para o fim do mundo –

Jonathan Welton, 223 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel

Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufria gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

Para acessar todos os artigos e escolher o tema de sua preferência, basta acessar:

www.revistacrista.org/artigos.htm

Nossos e-book's com temas específicos podem ser encontrados neste link:

www.revistacrista.org/literatura.htm

As revistas, por ordem mensal e ano, podem ser acessadas aqui:

www.revistacrista.org/edicoes.htm

Temos também excelentes vídeos explicativos sobre escatologia, divididos em diversos temas:

www.revistacrista.org/videos.htm

Caso ainda haja dúvidas, estamos disponíveis todos os dias para servi-lo no endereço:

www.revistacrista.org/contato.htm

E-mails:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org